

# Por 100 anos, serás o campeão



## Corinthians 1 x 1 Palmeiras Campeonato Paulista / Decisão

**Data:** 06 de fevereiro de 1955

**Local:** Pacaembu

**Renda:** Cr\$ 1.233.055,00

**Público:** não divulgado

**Juiz:** Esteban Marino (Uruguai)

**Gols:** Luizinho aos 10' do 1º tempo e Ney aos 7' do 2º

**CORINTHIANS:** Gilmar, Homero e Olavo; Idário, Goiano e Roberto; Cláudio, Luizinho, Baltazar, Rafael e Simão

**Técnico:** Oswaldo Brandão

**PALMEIRAS:** Laércio, Manoelito e Cação; Nilo, Waldemar Fiúme e Dema; Liminha, Humberto, Ney, Jair Rosa Pinto e Rodrigues

**Técnico:** Aymoré Moreira

Já não era nenhuma criança. Havia completado “25 primaveras”, como se dizia naquela época, em um ano muito especial: 1954, o do IV Centenário da fundação de São Paulo, comemorado com a inauguração da catedral da Sé (ainda que inacabada), do Parque do Ibirapuera e com a inesquecível “chuva de prata”, em que uma esquadrilha de aviões tecotecos jogou milhares de triângulos de papel laminado sobre a cidade.

Já não era nenhuma criança. Mas, ainda assim, fazia suas loucuras. Principalmente, pelo Corinthians. A ponto de ter caído da garupa da moto de um amigo, no meio da serra de Santos, onde foi ver seu time (que ainda nem era conhecido como Timão) ser campeão daquele ano tão festejado pelos paulistas. Felizmente, com ele, não havia acontecido nada além de algumas escoriações. Já o Gualicho — apelido daquele Corinthians, inspirado no nome de um cavalo de corridas que, como o time, ganhava tudo o que disputava no início dos anos 1950 — subiu a serra abalado. Se tivesse vencido, garantiria ali mesmo, na Vila Belmiro, casa do adversário, o histórico título de campeão paulista de 1954, o tão badalado ano do IV Centenário. Como foi surpreendentemente goleado por 4 a 1, teria agora que decidir sua sorte no domingo seguinte, diante do arquirrival Palmeiras.

Não que o Santos fosse um mau time. Ao contrário: embora ainda não contasse com um certo crioulinho chamado Pelé, que só surgiria no final de 1956, para dar tanto trabalho aos corintianos, os santistas haviam sido os únicos a derrotar o Corinthians naquele campeonato. No primeiro turno, por 2 a 0, em uma manhã de domingo no Pacaembu em que ele, claro, também esteve presente. Agora, no segundo turno, repetia-se a dose, empurrando os corintianos para uma indigesta decisão.

Desde pequeno, ele havia aprendido tudo o que sabia sobre o Corinthians nos álbuns de figurinhas das Balas Futebol e nas páginas do jornal *A Gazeta Esportiva*. Decorou os anos em que o time havia sido campeão paulista até ali (1914, 1916, 1922, 1923, 1924, 1928, 1929, 1930, 1937, 1938, 1939, 1941, 1951 e 1952), as últimas seis vezes já com sua ajuda, na qualidade de torcedor fanático que se tornou. Confiava em seus ídolos. Nas defesas do fantástico Gilmar, futuro goleiro titular da Seleção Brasileira campeã do mundo pela primeira vez, na Suécia, em 1958. Na raça de Idário, o lateral direito que na base da força (às vezes, até, da violência) complicava a vida de qualquer ponta-esquerda. Na categoria de Roberto Belangero, o “Professor”, que era o dono do meio de campo. Nos cruzamentos de Cláudio, o “Gerente”, para as conclusões sempre certeiras de Baltazar, o “Cabecinha de Ouro”. Nos dribles do ágil Luizinho, o “Pequeno Polegar”. Ele confiava, enfim, na base daquele time que em tão pouco tempo havia faturado três vezes o Torneio Rio–São Paulo (em 1950, 1953 e 1954), o bi do próprio Campeonato Paulista (1951/52) e a Pequena Taça do Mundo, um prestigioso torneio internacional, diante do Barcelona, da Espanha e da Roma, da Itália, jogando na Venezuela em 1953. Mas ele também respeitava o Palmeiras.

O Palmeiras de Waldemar Fiúme, chamado por sua classe de “O Pai da Bola”. O Palmeiras da ala esquerda formada por Jair e Rodrigues, que só não esteve junta na Copa de 1950 porque Rodrigues, o “Tatu”, se machucou. E, principalmente, o Palmeiras de Humberto, que acabaria sendo o artilheiro daquele campeonato, com 36 gols.

Menos mal que, apesar de tudo, o Corinthians — o “seu” Corinthians, como ele costumava chamar — ainda jogava por um empate para ser campeão naquela tarde ensolarada de domingo, 6 de fevereiro de 1955. A cidade, então com quase 2,5 milhões de habitantes, já havia comemorado seu 400º aniversário mais de um ano antes, em 25 de janeiro de 1954. Mas o campeonato do IV Centenário, com quatorze times jogando todos contra todos em turno e retorno, só havia começado em agosto e acabou se arrastando até o início do ano seguinte. Naquela penúltima rodada, portanto, o Corinthians, líder com 39 pontos (dezessete vitórias e cinco empates), enfrentava o Palmeiras, segundo colocado com 36. Como naquela época as vitórias ainda valiam dois pontos em vez dos três atuais, para ser campeão, o Palmeiras teria que vencer o Corinthians, ganhar também do Linense na última rodada, em Lins, e ainda esperar que o próprio Corinthians não derrotasse o São Paulo em seu último jogo. Menos mal, também, que dessa vez, para ir ao Pacaembu, ele não precisaria nem de moto nem descer a serra. Bastaria pegar dois bondes, primeiro até o centro da cidade, depois até a avenida Angélica. E, então, descer cerca de um quilômetro e meio, a pé, rumo ao estádio.

O jogo é transmitido diretamente pela TV Record, inclusive para a capital paulista, na voz do locutor Raul Tabajara, mas como televisão ainda é artigo de luxo pouca gente tem acesso àquelas imagens em preto e branco, restritas a uma tela de dezessete polegadas. Ao meio-dia os portões são abertos. Ele é um dos primeiros a se acomodar, junto com boa parte do público, que utiliza chapéus de feltro ou mesmo improvisados, feitos de jornal, para se proteger do sol inclemente. O cheiro forte das laranjas descascadas pelas hábeis maquininhas dos vendedores ambulantes domina o ambiente. Já passa das três horas da tarde. Os alto-falantes instalados na concha acústica do estádio, onde hoje fica o Tobogã, e que até então executavam sucessos como *Quarto Centenário*, do sanfoneiro Mário Zan, e o tango *Carlos Gardel*, na voz de Néelson Gonçalves, cessam suas músicas. Ouve-se um grande clique. Depois, barulho de estática. E, em seguida, a voz do speaker anunciando:

“O posto Esso de Francisco Zambrone informa a escalação das duas equipes. O Sport Club Corinthians Paulista vai jogar com Gilmar, Homero e Alan; Idário, Goiano e Roberto; Cláudio, Luizinho, Baltazar, Rafael e Simão. A Sociedade Esportiva Palmeiras vai jogar com Laércio, Manoelito e Caçã; Nilo, Waldemar Fiúme e Dema; Liminha, Humberto, Ney, Jair e Rodrigues.”

Para alegria dele e dos outros torcedores que estavam ao seu redor, o técnico Oswaldo Brandão promoveu as voltas de Rafael no lugar de Nardo e de Idário, que estava contundido, no lugar do improvisado Olavo. Todos naquela rodinha

concordam que no domingo anterior, contra o Santos, os dois substituídos haviam “realmente jogado muito mal”.

Quando os times entram em campo, ele quase perde o fôlego, gritando em meio à espessa nuvem de fumaça formada pelo foguetório: “Cooorinthians! Cooorinthians!” O Corinthians, aliás, jogará com seu tradicional uniforme, de camisas brancas, calções negros e meias listradas em preto e branco. O Palmeiras, para surpresa dele e de todo o estádio, entra em campo com camisas... azuis. “Que merda!”, pensou na hora, decepcionado, o ídolo corintiano Luizinho, ao ver o rival tão descaracterizado, conforme ele próprio confessaria anos depois em uma entrevista. “Nós estávamos acostumados a ver aquele verde que impunha tanto respeito, e aí eles me aparecem de azul???” Um senhor sentado ao lado dele comenta: foi ordem de um pai de santo, dada ao presidente palmeirense, Paschoal Giuliano, para combater um possível “trabalho” que os corintianos teriam feito em cima do tradicional uniforme verde. Será? De qualquer forma, aquela não foi a única superstição a marcar o jogo decisivo. Ele mesmo, logo ao entrar no estádio, havia recebido em mãos um folheto que dizia: “Fevereiro, 6, domingo, 1955 – Dia de Santa Doroteia. Hoje, lua cheia. Neste dia, o S. C. Corinthians Paulista é derrotado sem contestação pelo seu rival S. E. Palmeiras.” Valia tudo para os palmeirenses alcançarem uma vitória que, em jogos pelo Campeonato Paulista, não viam desde 1951 e só chegariam a ver em 1958. O jogo, enfim, começa com o Corinthians atacando contra o portão de entrada do Pacaembu.



*Cláudio cruza da direita, o Pequeno Polegar Luizinho sobe entre os zagueiros para cabecear. E o Corinthians, que só precisava do empate para ser campeão no ano do IV Centenário da capital, sai na frente do Palmeiras*

Ele não pôde ouvir, pois na época ainda não havia rádios portáteis que pudessem ser levados ao estádio. Mas quem ficou em casa, diante dos enormes rádios de válvula, acompanhou assim o primeiro gol corintiano, marcado logo aos 10 minutos, na voz de Pedro Luiz, da Rádio Panamericana, a atual Jovem Pan:

“Vai ser executado o arremesso por Cláudio. Movimentou o couro. Deu a Rafael. Rafael atrasando para o ponteiro. Pode centrar até com perigo. Ergueu para a boca do gol. Fechou todo mundo. Cabeceou... Gooooooooo! Gol de Luizinho para o Corinthians! Esplêndida cabeçada do mignon avante alvinegro, fazendo delirar a torcida corintiana que se movimenta em massa nas dependências do Estádio Municipal do Pacaembu. Centro perigoso de Cláudio, cabeçada excepcional de Luizinho, tirando toda e qualquer chance de Laércio. Um para o Corinthians, zero para o Palmeiras.”

O Corinthians, o “seu” Corinthians, que só precisava do empate para garantir o título, sai na frente, e ele, eufórico, aceita um dos charutos, símbolo maior das grandes conquistas do clube naquela época, que começam a ser distribuídos a rodo pelas arquibancadas. Mesmo sem jamais ter colocado um cigarro na boca em toda sua vida.

Ainda no primeiro tempo, Gilmar defende milagrosamente um chute à queima-roupa de Humberto. No segundo, com o Palmeiras jogando a favor do vento, a situação corintiana só piora. Para desespero dele, que passa a se contorcer cada vez mais na arquibancada. O adversário não demora a empatar, em jogada na qual Jair cobrou para dentro da área uma falta de Homero em Liminha. Idário tentou cortar de cabeça, a bola ganhou efeito e acabou tocada por Ney, já quase dentro do gol de Gilmar. Irritado com a marcação cada vez mais implacável de Homero, Liminha dá-lhe um soco na boca do estômago que mereceria expulsão, mas acaba ficando por isso mesmo. O Corinthians quase faz 2 a 1 com um chute rasteiro de Rafael que Laércio segura com dificuldade. Depois, é a vez de Baltazar, com uma meia-bicicleta, obrigar o goleiro palmeirense a outra difícil defesa.

Uma série de milagres faz de Gilmar o melhor homem em campo. No mais difícil deles, o artilheiro palmeirense Humberto, lançado por Jair, passa entre Goiano e Homero. Da marca do pênalti, escolhe o canto, chuta forte, mas lá está novamente “são” Gilmar, garantindo o mais inesquecível título corintiano até então. Antes que o juiz apite, Cação falha, é desarmado por Rafael e o segundo gol corintiano só não sai porque Laércio se atira aos pés do atacante para evitá-lo. Da arquibancada, ele já não vê mais nada. Até mesmo a incomparável explosão de alegria que se segue é apenas ouvida, pois naquele momento sua cabeça estava enfiada entre as pernas, implorando pelo fim do sofrimento. Sofria mas não aprendia: no domingo seguinte, estaria lá de novo, no jogo das faixas, em que o Corinthians bateu o São Paulo por 3 a 1.

Ele então resolve invadir o campo, pulando o alambrado pelas proximidades do túnel do lado da concha acústica, o setor mais popular do velho Pacaembu. Os policiais da antiga Força Pública até tentam, mas já não conseguem cercar a mas-

sa, que quase sufoca os atletas dentro do próprio gramado. Juntos, torcida e jogadores seguem a pé até o Vale do Anhangabaú, onde as comemorações continuam ao som de uma marchinha composta originalmente para outro título paulista, o de 1951, mas que só agora cairá definitivamente no gosto do povão corintiano, a ponto de ser oficializada como o hino do clube: “Salve o Corinthians, o campeão dos campeões, eternamente dentro dos nossos corações...” Outra marcha, essa composta pelo corintiano Alfredo Borba especialmente para aquela conquista, repetirá incessantemente: “Corinthians, Corinthians... Falou bem alto a tradição! Corinthians, Corinthians... Por cem anos serás o campeão! Corinthians, sempre leal adversário... Ostentas com orgulho a faixa de campeão do IV Centenário!” Em meio a tanta festa, sua bandeirinha de estimação, com o distintivo do clube, é roubada de suas mãos por ninguém menos que Simão, o ponta-esquerda da grande conquista. Mas ele nem liga. Naquele momento, a última coisa que poderia passar pela sua cabeça era que outra festa como aquela só iria acontecer 22 anos depois.

# Invictos para sempre



## Corinthians 3 x 3 Santos Campeonato Paulista / 1º turno

**Data:** 03 de novembro de 1957

**Local:** Pacaembu

**Renda:** Cr\$ 806.770,00

**Público:** não divulgado

**Juiz:** Juan Brozzi (Argentina)

**Gols:** Boquita aos 15', Pelé aos 16' e aos 19' e Goiano aos 35' do 1º tempo; Pelé 5' e Paulo aos 44' do 2º

**CORINTHIANS:** Gilmar, Olavo e Oreco; Paulo, Walmir e Goiano; Cláudio, Luizinho, Índio, Rafael e Boquita

**Técnico:** Oswaldo Brandão

**SANTOS:** Laércio, Fioti e Getúlio; Dalmo, Ramiro e Zito; Dorval, Álvaro, Pagão, Pelé e Tite

**Técnico:** Luiz Alonso Perez (Lula)

Festa igual àquela do IV Centenário, da qual participou com 25 anos de idade, ele só veria outra vez quando estivesse às vésperas de completar 48. Isso não significa que ao longo dos 22 anos, oito meses e sete dias que separaram as conquistas dos títulos paulistas de 1954 e 1977 o corinthiano não tenha tido outros bons motivos para comemorar. Um deles aconteceu já em 1957.

Naqueles três anos, algumas coisas mudaram tanto na vida dele quanto na do Corinthians. Havia arranjado um bom emprego em um banco e uma namorada, com quem só se casaria oito anos depois — mesmo assim, porque ela deu-lhe um ultimato, cansada de esperar que, antes, o time dele voltasse a ser campeão. O Corinthians de 1957 mantinha vários heróis da conquista de 1954, como o goleiro Gilmar, o veterano ponta-direita Cláudio (já com 35 anos) e o Pequeno Polegar Luizinho, este, sim, ainda no auge de sua forma. Além do técnico Oswaldo Brandão, até hoje o recordista em tempo de permanência no cargo em toda a história do clube (três anos e meio consecutivos, de julho de 1954 a janeiro de 1958). Baltazar, o Cabecinha de Ouro, já não era mais o centroavante, substituído ao longo daquele ano por Índio, jogador da Seleção Brasileira na Copa de 1954 que viera do Flamengo. O gaúcho Orecó, futuro campeão mundial em 1958, pela Seleção, como reserva de Nilton Santos, agora ocupava com destaque a lateral esquerda. No Campeonato Paulista de 1955, imediatamente posterior à conquista do IV Centenário, o bi só não veio porque, na última rodada, o emergente Santos conseguiu ganhar apertado do Taubaté por 2 a 1 na Vila Belmiro e, assim, ficar com um título que não via há exatos vinte anos. Em 1956, o Corinthians também não fez feio, ganhando pela primeira vez a tão sonhada Taça dos Invictos e ficando em terceiro no campeonato em que Santos e São Paulo tiveram que decidir em um jogo extra (deu Santos, bi). Agora, em 1957, a campanha corinthiana era novamente de arrasar, tanto no campeonato quanto na disputa pela posse definitiva da Taça dos Invictos.

A Taça A Gazeta Esportiva, mais conhecida como Taça dos Invictos, era uma espécie de disputa à parte dentro do próprio Campeonato Paulista, e ele sabia muito bem disso. Havia sido instituída pelo prestigioso jornal de mesmo nome em 1939, para ser entregue ao próprio Corinthians, dono de uma série de quatorze partidas sem derrota naquele ano em que se sagrou tricampeão. No entanto, o então Palestra Itália (atual Palmeiras) reivindicou a taça recém-criada para si, alegando ter uma série retroativa ainda maior, de 22 jogos, entre os Campeonatos Paulistas de 1933 e 1934. O troféu acabou indo mesmo para o Parque Antarctica, tornando-se ao longo dos anos uma verdadeira obsessão corinthiana. E dele, como torcedor.

Para tomar a taça, de posse transitória até que um clube a conquistasse pela segunda vez, era necessário sempre superar a série de jogos sem derrota alcançada anteriormente pelo rival. Assim, do Palmeiras, a Taça dos Invictos acabou indo para as mãos do São Paulo, bicampeão com 23 jogos sem perder entre 1945 e